

# O desafio da seca

De todos os desafios inicialmente antepostos à sua consolidação plena, Brasília só não superou o obstáculo meteorológico. A umidade relativa do ar essa semana chegou a inacreditáveis 12%, menor da história (a taxa média do deserto do Saara é de 13%), e trouxe consideráveis transtornos à rotina da cidade.

As escolas particulares e públicas suspenderam as aulas e o governo viu-se obrigado a renovar junto à população o conhecido repertório de precauções elementares para evitar danos à saúde. Com dois meses sem chuvas e diante de previsões de que só volte a ocorrer em meados de outubro, a cidade está seca.

O volume de águas diariamente recebido pelo lago está 40% menor, em função de entupimento no canal Cabeça

de Veado, tomado pela mata nativa. Para agravar, o nível de consumo de água, no Lago Sul, aumentou, desde julho, em 38%, segundo a Companhia de Água e Esgoto de Brasília (Caesh).

O que está claro é que Brasília não se equipou para enfrentar com competência uma questão básica em termos de seu equilíbrio e de bem-estar de sua população. A cidade cresceu, mas não a estrutura de abastecimento de água, vital para amenizar os rigores da seca. É preciso repensá-la — e com urgência.

A Caesh garante que a construção do Sistema Pipiripau, orçado em R\$ 28 milhões, evitará o racionamento de água até o ano 2000. E diz que a palavra-chave para a crise de abastecimento é o desperdício. Cabe, então, revertê-lo, já.